

**PADRÕES DE AVALIAÇÃO DE DUAS VARIÁVEIS SONORAS NA  
COMUNIDADE DE FALA DO RIO DE JANEIRO: UNIFORMIDADE  
OU DIFERENTES TENDÊNCIAS?**

**EVALUATION PATTERNS OF TWO SOUND VARIABLES IN THE  
SPEECH COMMUNITY OF RIO DE JANEIRO: UNIFORMITY OR  
DIFFERENT TRENDS?**

Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo (UFRJ)

[malmelo.lopes@letras.ufrj.br](mailto:malmelo.lopes@letras.ufrj.br)

<https://orcid.org/0000-0002-8025-0530>

**RESUMO:** *Esse trabalho compara os resultados de um experimento de avaliação aplicado a quatro grupos de falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro com diferentes graus de inserção. Foram observadas duas variáveis sonoras: coda (s) e coda (r) interna. O objetivo era observar se os participantes dos quatro grupos compartilhavam as mesmas tendências e padrões de avaliação acerca das variáveis analisadas. A mesma tendência foi observada para o comportamento dos participantes, mas com diferentes padrões de avaliação para as variáveis: para a coda (s), observou-se um padrão binário de avaliação que coloca, de um lado, o grupo de participantes excluídos socialmente e, de outro, os demais grupos inseridos socialmente; para a coda (r) interna, observou-se uma gradualidade nas avaliações dos grupos, que partem da indistinta avaliação das variantes pelo grupo de participantes excluídos socialmente até a diferença bem marcada entre as variantes pelo grupo com maior inserção social. Assim, os resultados podem ser mais bem compreendidos à luz do conceito de sistema adaptativo complexo (BECKNER et al., 2009), segundo o qual assume-se que a língua não se desenvolve de maneira uniforme e ordenada, mas sim que dependente das interações específicas dos indivíduos (MUFWENE, 2008, p. 62, 2013, p. 207-208).*

**PALAVRAS-CHAVE:** *coda (s); coda (r) interna; padrão de avaliação; comunidade de fala.*

**ABSTRACT:** *This work compares the results of an evaluation experiment applied to four groups of speakers from the speech community of Rio de Janeiro with different degrees of social insertion. Two sound variables were analyzed: coda (s) and internal coda (r). The aim was to observe if the participants of the four groups shared the same trends and evaluation patterns about the analyzed variables. The same trend was observed for the participants' behavior, but*

*there are different evaluation patterns for the variables: for the coda (s), a binary evaluation pattern was observed, which places, on the one hand, the group of socially excluded participants and, on the other hand, the other socially inserted groups; for the internal coda (r), a graduality was observed in the evaluations of the groups, starting from the indistinct evaluation of the variants by the socially excluded participants to the well-marked difference between the variants by the group with greater social inclusion. The results can be better understood considering the concept of a complex adaptive system (BECKNER et al., 2009), according to which language does not develop in a uniform and orderly manner, but rather depends on specific interactions of individuals (MUFWENE, 2008, p. 62, 2013, p. 207-208).*

**KEYWORDS:** coda (s); internal coda (r); patterns of evaluation; speech community.

## **1 Introdução**

Este trabalho compara os resultados de um experimento de avaliação das variantes de duas variáveis sonoras – coda (s) e coda (r) interna – que foi aplicado a falantes de diferentes grupos sociais da comunidade de fala do Rio de Janeiro: para a coda (s), as fricativas alveolopalatal [ʃ/ʒ] e velar/glotal [x/χ, h/ħ], como em me[ʒ]mo e me[χ/ħ]mo; para a coda (r) interna, a realização da fricativa velar/glotal e ausência do segmento, como em ce[χ/ħ]veja e ce[∅]veja. Inicialmente, Melo (2017) aplicou o experimento a falantes de dois grupos sociais distintos: a) um grupo de jovens universitários (grupo UFRJ), da classe média-média e média-baixa; b) dois grupos de jovens moradores de favelas, falantes de classe baixa, com diferentes graus de inserção social<sup>1</sup> (grupos EJLA e Fiocruz). A motivação para aplicação do experimento foi observar se as mesmas tendências e os mesmos padrões de avaliação das variantes das duas variáveis eram compartilhados por todos os indivíduos da comunidade de fala, uma vez que o compartilhamento desses padrões é elemento essencial para definição de comunidade de fala proposto por Labov (1972). Os resultados de Melo (2017) mostraram que a dinâmica da avaliação social das variantes pode ser mais complexa do que aquela apontada na formulação original do conceito laboviano para comunidade de fala. Posteriormente, o experimento foi aplicado a um novo grupo de falantes: falantes adultos da classe baixa, moradores de favelas, com escolarização tardia (grupo EPSJV). Pretendia-se, assim, abarcar mais nuances das

---

<sup>1</sup> O grau de inserção social está sendo tomado a partir da origem e situação dos indivíduos em diferentes esferas da vida pública: estabilidade de vínculos familiares e afetivos, inserção no mercado de trabalho (formal ou informal), processo de escolarização, condições e local de moradia, acesso aos serviços públicos (saúde, transporte etc).

complexas diferenças sociais da cidade em relação à avaliação entre os grupos – sobretudo entre os falantes de classe baixa – e ampliar a discussão acerca da avaliação das formas linguísticas.

Diversos trabalhos com dados de produção sobre o português brasileiro (doravante PB) já foram realizados sobre as variáveis em análise. Alguns desses estudos indicam que, em relação à coda (s), a realização de fricativas posteriores (velar ou glotal) é estigmatizada, uma vez que tal realização costuma ocorrer entre falantes de baixa escolaridade (CARVALHO, 2000; GRYNER e MACEDO, 2000; AULER, 1992). Importante reforçar que o valor social das variantes da coda (s) – estigma e prestígio – é inferido por meio de trabalhos que partem de dados de produção, sem que tenha sido realizado qualquer estudo para acessar as avaliações sociais das variantes. Sobre a coda (r), há somente o estudo realizado por Bortoni, Gomes e Malvar (2002) com falantes de Brasília (DF), mas focalizando apenas a coda em final de palavra. Em relação à coda (r) interna, nenhum estudo de avaliação das variantes foi realizado. Assim, o presente trabalho pode contribuir para que se verifique o significado social das variantes das duas variáveis em função de diferentes perfis sociais dos participantes, o que, por sua vez, pode revelar tendências e padrões de avaliação social de duas variáveis bastante estudadas sob o ponto de vista da produção.

Serão apresentados a seguir, na seção 1, a fundamentação teórica em que se apoia o presente estudo; a seção 2 apresenta a metodologia de trabalho no que diz respeito ao *design* do experimento aplicado, participantes e tratamento de dados; as seções 3 e 4, respectivamente, tratam da Análise dos Resultados e Considerações Finais.

## ***2 Avaliação da variação sociolinguística***

Embora ainda em menor número do que os estudos variacionistas com dados de produção, os estudos sobre avaliação ganharam considerável impulso nas últimas décadas. Labov *et al.* (2011) argumentam que experimentos que rastreiam os correlatos cognitivos da variação linguística sempre estiveram ao lado de estudos de produção de fala. Isto porque, por meio de estudos de avaliação, é possível não só observar o comportamento dos falantes em relação à indexação social das formas linguísticas, bem como o impacto desta relação no processamento da linguagem. Assim, diferentes aspectos da organização cognitiva da variação têm sido objeto de diversos estudos sobre percepção e avaliação da variação linguística (CLOPPER, CONREY, PISONI, 2005; HAY, WARREN, DRAGER, 2006; STAUM-CASASSANTO, 2010; SQUIRES, 2011).

Labov (2006) afirma que as atitudes frente às formas linguísticas não emergem se os falantes forem indagados diretamente sobre os dialetos, uma vez que as reações dos falantes/ouvintes podem não refletir diretamente suas opiniões pessoais. Para melhor compreensão de questões ligadas à avaliação, o autor propõe três problemas que devem ser enfrentados: “1) isolar as reações subjetivas a valores particulares de uma única variável; 2) reduzir essas reações a uma medida quantificável; 3) encontrar a estrutura global refletida no padrão das medidas resultantes”<sup>2</sup>. Nesse sentido, Labov (2008, p. 176) destaca que a técnica dos “falsos pares” (*matched guise test*), uma ferramenta metodológica desenvolvida por Lambert *et al.* (1960), teve grande impacto nos estudos sobre avaliação, tendo em vista que, por meio desta técnica, os falantes são colocados diante de dois conjuntos de possibilidades produzidas por um mesmo falante usando duas formas diferentes. Oushiro (2015) observa que a técnica de “falsos pares” permitiu demonstrar que diferentes variedades linguísticas impactam a avaliação dos sujeitos em diferentes situações, as quais vão desde a escolha de um inquilino ou de um candidato a uma vaga de emprego à associação da natureza de um crime cometido a falantes de uma determinada variedade.

Conforme demonstrado em diversos trabalhos, existe uma recorrente associação entre as variantes produzidas e o julgamento dos falantes que delas fazem uso (LAMBERT, 1960; CAMPBELL-KIBLER, 2010; LABOV, 2006, 2008, 2011; OUSHIRO, 2015). Labov (2006: 265) sustenta que, em geral, a variante mais usada por falantes nova iorquinos em contextos formais é aquela mais frequentemente usada por falantes da classe social mais elevada. Isto implica dizer, de modo contrário, que variantes de menor prestígio são identificadas como sendo características de grupos de falantes que pertencem a comunidades estereotipadas, a classes sociais menos privilegiadas ou menos escolarizadas. Votre (2010, p. 52) argumenta que “o modo de comunicação das pessoas desprovidas de prestígio econômico e social tende a ser coletivamente avaliado como estigmatizado”. Para além da relação prestígio-estigma, Oushiro (2015, p. 318) argumenta que “línguas, variedades e variantes favorecidas pelas classes menos privilegiadas são percebidas mais negativamente quanto a atributos de status e valorizadas quanto a traços de solidariedade”.

Se a avaliação de uma determinada variante está intimamente ligada ao status de determinado grupo que dela faz mais uso, pode ser também que a frequência com que

---

<sup>2</sup> “The chief problems which we must solve are three: 1) to isolate the subjunctive reactions to particular values of a single variable; 2) to reduce these reactions to a quantitative measure; 3) to find the overall structure reflected in the pattern of resulting measurements” (p. 266, tradução nossa).

determinada variante seja produzida tenha impacto na avaliação dos falantes. Labov *et al.* (2011) realizaram uma série de experimentos para medir a sensibilidade dos ouvintes às frequências na forma de porcentagens variáveis da forma apical não-padrão da variável (ING). Os resultados obtidos mostraram que quanto mais a forma reconhecida como menos prestigiada – no caso, a variante apical – era ouvida, pior era a avaliação da leitura. Levon e Buchstaller (2015) investigaram se duas variáveis do inglês britânico situadas em diferentes níveis da gramática – uma variável fonológica e uma variável morfossintática – estariam igualmente disponíveis para avaliações sociais dos ouvintes. Os resultados apontaram que as distribuições de frequência das duas variáveis não interagiram, indicando que os participantes trataram as duas variáveis separadamente. Além disso, o aumento da frequência da variante fonológica não-padrão resulta em avaliações mais negativas e são irrestritas a toda população de ouvintes, sendo as avaliações da variante morfossintática não-padrão dependentes de um fator social (região do ouvinte) e de um fator cognitivo medido previamente pelos autores (capacidade de Linguagem Pragmática).

De maneira geral, pode-se assumir que os falantes avaliam as formas linguísticas a partir de suas diferentes experiências sociais. Assim, capturar a(s) avaliação(ões) das formas linguísticas que é(são) realizada(s) por falantes de diferentes grupos sociais de uma mesma comunidade de fala pode contribuir para que a dinâmica sociolinguística desta comunidade de fala seja mais bem compreendida, de maneira a explicitar as diferentes relações que os indivíduos estabelecem em razão de suas experiências concretas de uso e de sua própria identidade sociolinguística. Nesse sentido, compreender a dinâmica sociolinguística de uma comunidade de fala sugere refletir como os padrões de uso e de avaliação dos falantes se estabelecem a partir do próprio modo organização social dos diferentes grupos que compõem esta comunidade.

O conceito de comunidade de fala cunhado por Labov (1972) pressupõe o compartilhamento das normas por todos os membros da uma mesma comunidade. Em outras palavras, assumir o conceito laboviano de comunidade de fala significa assumir a existência de “um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada de uma língua em questão” (LABOV, 2008, p. 176). Após aplicar testes de reação subjetiva para medir a avaliação dos falantes de Nova York em relação ao (r), Labov (2008, p. 179-180) observou que, além da fina e regular estratificação por classe social desta variável, havia uma uniformidade quanto à avaliação da norma de prestígio entre os falantes mais jovens (de 18 a

39 anos) de todas as classes sociais. Essa constatação explicaria por que, apesar de o uso da variante (r-1) não ter se generalizado no vernáculo da fala cotidiana, houve um aumento repentino na estratificação da variável.

Alguns autores argumentam no sentido contrário a uma uniformidade de atitudes frente à linguagem em uma mesma comunidade de fala. Santa Ana e Parodi (1998) observam que esse conceito laboviano de comunidade de fala foi concebido a fim de relacionar dados sociolinguísticos a uma teoria linguística formal, ressaltando questões linguísticas em detrimento de questões sociais sem conseguir capturar as funções sociais dos falantes com seus interlocutores. O conceito de comunidade de fala laboviano, ainda de acordo com Santa Ana e Parodi (1998), articula “produção” e “avaliação” a uma unidade de medida – a “variável linguística” – e o resultado dessa articulação, expresso por meio de uma regra variável, garantiria a uniformidade linguística em meio à diversidade observada entre os falantes. Santa Ana e Parodi argumentam que a avaliação que os falantes fazem acerca do modo como as pessoas falam não é uniforme entre todos os falantes de uma mesma comunidade. Ao estudarem um dialeto do espanhol falado em uma região isolada do México, a hipótese levantada pelos autores sugere que diferentes avaliações linguísticas dos falantes são realizadas a partir do grau de acesso desses falantes às instituições e às formas de prestígio.

Mais recentemente, o conceito de comunidade de prática foi introduzido aos estudos linguísticos, a fim de compreender o comportamento linguístico dos falantes a partir das práticas linguísticas que são desenvolvidas por meio de tais relações (ECKERT, 2000). Segundo Meyrhoff (2003, p. 530), uma comunidade de prática “é um agregado de indivíduos que negociam e aprendem práticas que contribuem para a satisfação de um objetivo comum”<sup>3</sup>. Assim, a autora estabelece três requisitos para que se configure uma comunidade de prática: engajamento mútuo, objeto negociado em comum e um repertório comum. Eckert (2005, p. 16) esclarece que é preciso estabelecer, dentro de uma unidade sociogeográfica (comunidade de fala), um vínculo entre a experiência cotidiana dos indivíduos e categorias abstratas (classe, gênero e etnia).

Outro conceito capaz de situar a relação entre o indivíduo e o(s) grupo(s) em que está inserido é o de sistema adaptativo complexo. Segundo Beckner *et al.* (2009), a linguagem como um sistema adaptativo complexo pressupõe: a) a interação de múltiplos agentes (falantes); b) o comportamento do indivíduo como consequência não só do conjunto de experiências a que está

---

<sup>3</sup> “So we have established that the cofP [community of practice] is about an aggregate of individuals negotiating and learning practices that contribute to the satisfaction of a common goal” (tradução nossa).

submetido, como também da competição de um conjunto de fatores de diversas naturezas, sejam estes aspectos mecânicos perceptuais ou motivações sociais; e c) a emergência da estrutura linguística a partir de padrões inter-relacionados de mecanismos cognitivos e interação social. Assim, conforme assumido por Gomes, Melo e Barcellos (2020), “o conceito de sistema adaptativo complexo permite capturar o complexo conjunto de situações observadas como parte de um sistema mais amplo e dinâmico do que a perspectiva apontada no conceito original de comunidade de fala de Labov (1972)”, além de permitir que se façam relações entre aspectos do comportamento individual e as práticas sociais de que os indivíduos participem.

### **3 Metodologia da pesquisa**

O objetivo do presente trabalho é observar como indivíduos de diferentes classes e grupos sociais avaliam as variantes das duas variáveis em análise, a saber: (a) em relação à coda (s), as fricativas alveolopalatais [ʃ/ʒ] e as fricativas posteriores [x/χ, h/ħ]; (b) em relação à coda (r) interna, a realização [x/χ, h/ħ] e ausência da coda. A avaliação social das variantes em análise foi acessada por meio de um experimento que observou a associação entre as variantes de cada variável a três diferentes ocupações profissionais, as quais se distribuem em uma escala com diferentes graus de prestígio na sociedade: *médica*, *auxiliar de enfermagem* e *faxineira*. A associação entre variante e profissão revela expectativas de pertencimento a um determinado grupo social da comunidade de fala. Assim, em uma escala de prestígio social, a profissão *médica* se situa no polo de maior prestígio (perfil que exige maior escolaridade e curso superior específico) e a profissão *faxineira* se situa no polo oposto, isto é, no polo de menor prestígio social (perfil que não exige qualquer escolaridade ou necessidade de formação específica). A profissão *técnica de enfermagem* estaria situada no meio desta escala, tendo em vista a necessidade de alguma formação, sendo, geralmente, ocupada por pessoas de classes mais populares e que tiveram algum acesso a determinadas instituições sociais. Dessa forma, a associação de uma determinada variante aos extremos da escala de profissões indica: a) uma avaliação negativa da variante no extremo relativo à profissão de *faxineira*; b) e uma avaliação positiva no extremo relativo à *médica*. O perfil de *técnica em enfermagem* situa as variantes no meio de um *continuum*, indicando uma avaliação isenta de prestígio e/ou estigma.

Inicialmente, o experimento foi aplicado por Melo (2017) a três grupos – grupos UFRJ, Fiocruz, EJLA – e, posteriormente, mais 12 participantes de um outro grupo – grupo EPSJV – se somaram aos 36 participantes do estudo inicial<sup>4</sup>:

Quadro 01 - Perfil dos participantes do experimento de avaliação: coda (s) e coda (r) interna

GRUPO	CLASSE SOCIAL	PERFIL
UFRJ	classe média-média e média baixa	12 jovens universitários (18 a 24 anos), que cursavam o 1º período do curso de Letras; moradores de áreas da cidade sem alta vulnerabilidade social e que tiveram o seu itinerário formativo continuado, sem inserção precoce no mundo do trabalho (terminaram a educação básica dentro do período regular, sem necessidade de trabalhar)
Fiocruz	classe baixa	12 jovens moradores de favelas (17 a 21 anos), com alguma inserção social e sólidos vínculos familiares, o que lhes permitiu manter uma escolarização regular, sem entrada precoce no mundo do trabalho; no momento da aplicação do experimento, participavam de um curso em uma grande instituição pública de ensino e pesquisa do país
EPSJV		12 adultos moradores de favelas, com pouca inserção social, escolarização tardia (estudantes da modalidade de Educação de Jovens e Adultos), com pouca participação no mercado formal de trabalho e, conseqüentemente, exercendo atividades profissionais que não exigem formação específica
EJLA		12 jovens moradores de favelas (de 17 a 21 anos), excluídos socialmente <sup>5</sup> , com pouca escolarização, vínculos familiares fragilizados; alijados das cadeias produtivas; no momento da aplicação do experimento, cumpriam medida socioeducativa de internação em uma unidade do estado por terem cometido de atos infracionais análogos a crimes (tráfico de drogas, roubo, furto etc)

Fonte: elaboração própria.

A inclusão de um novo grupo ao estudo permitiu observar a avaliação de indivíduos da classe média-média e média-baixa em relação a diferentes grupos da classe baixa, os quais diferem entre si em função do grau de inserção social que apresentam. Por oportuno, é importante dizer que, como todos os participantes do grupo EJLA eram do sexo masculino, não foi possível obter uma boa distribuição por sexo nos quatro grupos, razão pela qual essa variável não foi considerada na análise.

<sup>4</sup> Cada grupo recebeu o nome da instituição onde o experimento foi aplicado: UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), EJLA (Escola João Luiz Alves) e EPSJV (Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio).

<sup>5</sup> “A exclusão social contemporânea é diferente das formas precedentes de discriminação ou segregação, uma vez que tende a criar, nacional e internacionalmente, indivíduos e/ou sociedades inteiramente desnecessários ao universo da produção econômica. Para eles, aparentemente, não há mais possibilidade de integração ou reintegração no mundo do trabalho e da alta tecnologia. Neste sentido, os novos excluídos parecem seres economicamente descartáveis” (FONTES, 1995, p. 108).

As sentenças do experimento foram gravadas por uma mulher, com nível universitário, idade entre 25-30 anos, falante da comunidade de fala do Rio de Janeiro e, portanto, apresentando as duas variantes de cada variável em questão na sua produção espontânea. Além de 12 sentenças distratoras, 24 sentenças foram elaboradas e organizadas em duas listas: uma lista com 12 sentenças que só continham apenas um item com a variável analisada e outra lista com 12 sentenças que continham dois itens com a variável analisada. As sentenças na lista dos estímulos com mais de uma variante na mesma sentença foram controladas em função do tamanho, contexto seguinte e distância entre as duas palavras com as variáveis (Anexo 1).

Cada participante ouviu, no total, 36 sentenças, sendo 18 para avaliação da coda (s) e 18 para avaliação da coda (r) interna. Das 36 sentenças, 24 sentenças continham estímulos com as variáveis (12 para cada variável), além de 12 sentenças distratoras. Metade dos participantes de cada grupo foi exposta a sentenças com apenas uma ocorrência da variável e a outra metade foi exposta a sentenças com duas ocorrências da mesma variável, totalizando 24 participantes em cada uma das duas condições do teste (ouvir uma única ocorrência da variante por sentença x ouvir duas ocorrências da mesma variante por sentença). Cada participante ouviu, em cada uma das duas condições, 6 sentenças com uma variante e 6 com a outra variante, sendo que nenhum participante foi exposto à mesma palavra com as duas variantes:

Quadro 02 – Design: distribuição das sentenças/estímulos do experimento

06 participantes de cada grupo	sentenças com 01 item					
	6 sentenças 1 item com a variante alveolopalatal	6 sentenças 1 item com a variante glotal	6 sentenças distratoras	6 sentenças 1 item com a realização da coda	6 sentenças 1 item com sem a coda	6 sentenças distratoras
06 participantes de cada grupo	sentenças com 02 itens					
	6 sentenças 2 itens com a variante alveolopalatal	6 sentenças 2 itens com variante glotal	6 sentenças distratoras	6 sentenças 2 itens com a realização da coda	6 sentenças 2 itens com sem a coda	6 sentenças distratoras

Fonte: elaboração própria.

Foram produzidas 1152 respostas, sendo 576 relativas às variantes da coda (s) e 576 relativas às variantes da coda (r) interna. O experimento foi aplicado individualmente nas respectivas instituições em que cada um dos grupos de participantes foi contatado: na Faculdade de Letras (grupo UFRJ); na unidade da Fundação Oswaldo Cruz em que os jovens participavam do curso para monitores(as) de museu (grupo Fiocruz); na unidade do sistema socioeducativo em que os jovens se encontravam internados (grupo EJLA); na escola em que aconteciam as

aulas de que participavam os estudantes de EJA (grupo EPSJV). Os estímulos foram apresentados utilizando o software TP (Teste/Treinamento de Percepção) – versão 3.1, com apresentação dos estímulos em ordem aleatória.

No momento de aplicação do teste, o(a) participante era apresentado(a) à tarefa pelo pesquisador por meio de um texto que aparecia na tela do computador, indicando uma circunstância específica. O texto a seguir era lido pelo pesquisador, acompanhado pelo(a) participante:

Você está em um hospital público, aguardando por uma consulta médica. Enquanto aguarda ser atendido, você ouve uma mulher dizendo algumas frases. Após ouvir cada frase, diga se ela foi produzida por uma médica do hospital, por uma técnica de enfermagem do hospital ou por uma auxiliar de serviços gerais.

Após ler o texto junto com o pesquisador, o(a) participante ouvia o estímulo. O(a) participante poderia ouvir a sentença até 03 (três) vezes antes de escolher a resposta. Após ouvir cada sentença, o programa apresentava na tela as três profissões (*médica, técnica de enfermagem, faxineira*) e o(a) participante deveria clicar em uma das opções. Especificamente, no caso dos grupos de participantes com escolaridade irregular, o pesquisador se certificou se esses(as) conseguiam ler/identificar as três opções. Após clicar em uma resposta, o programa registrava em uma planilha de Excel a opção indicada pelo(a) participante e carregava automaticamente o estímulo seguinte.

Os dados, tabulados na planilha de Excel gerada pelo próprio programa do experimento, foram submetidos a um modelo de análise linear de efeitos mistos, por meio da Plataforma Jamovi (SAHIN; AYBEK, 2019), a fim de verificar a existência de correlação entre as respostas (*médica, técnica de enfermagem* ou *faxineira*) e as seguintes variáveis independentes<sup>6</sup>: a) variante/estímulo (intrassujeitos/ *within subjects*): glotal ou alveolopalatal para a coda (s); realização ou ausência do segmento para a coda (r) interna; b) número de variantes por sentença (entre-sujeitos/*between subjects*): sentença com 1 ocorrência da variante, sentença com 2 ocorrências da mesma variante; c) e grupo social do(a) participante (intrassujeitos/*within subjects*): UFRJ, Fiocruz, EJLA e EPSJV.

As respostas foram analisadas de duas maneiras: distribuição das respostas por cada variável independente estudada e grau de avaliação de cada variante. Para esta última, foram

---

<sup>6</sup> Design experimental intrassujeitos (*within-subject*) significa que todos os participantes estão expostos aos mesmos tipos de estímulos. Design entre-sujeitos (*between-subjects*) significa que um determinado tipo de estímulo foi exposto a um grupo de participantes e não a outro (DRAGER, 2013, p. 64). Em outras palavras, todos os participantes ouviram as duas variantes de cada variável, mas cada grupo ouviu ou somente uma variante por sentença ou duas variantes por sentença de cada variável sociolinguística avaliada.

atribuídos diferentes valores para as respostas dadas pelos(as) participantes aos três perfis de profissões: o valor 0 (zero) foi atribuído ao perfil *médica*, o valor 1 (um) foi atribuído ao perfil *técnica de enfermagem* e o valor 2 (dois) foi atribuído ao perfil *faxineira*. Nesse sentido, o valor 0 (zero) foi atribuído às formas entendidas como de maior prestígio e 02 (dois) às formas menos prestigiadas a partir da relação entre as variantes produzidas e as profissões às quais os participantes escolhiam. Conseqüentemente, um valor mais alto atribuído a uma determinada variante implica maior associação desta variante com a profissão de *faxineira*, e, conseqüentemente com o perfil social de baixa escolaridade e de atividade profissional pouco valorizada socialmente. A soma dos valores atribuídos às respostas de todos(as) os(as) participantes revela o grau de estigma ou prestígio das variantes.

Por meio da realização do experimento, esperava-se verificar se os(as) participantes dos diferentes grupos sociais fazem as mesmas avaliações acerca das variantes das duas variáveis analisadas. Igualmente, esperava-se observar se a frequência de ocorrência da variante, verificada através da presença de 1 ou mais de uma ocorrência da mesma variante no mesmo estímulo, tinha efeito sob a avaliação do(a) participante, conforme Labov *et al.* (2011).

#### **4 Resultados**

Conforme sinalizado na seção anterior, por meio da plataforma Jamovi, foi realizada uma análise linear de efeitos mistos, a fim de saber se havia correlação entre as respostas dos(as) participantes (escolha das profissões) e as variáveis independentes controladas na pesquisa. Importante destacar que um p-valor abaixo de 0,050 indica que há correlação entre as respostas dadas e as variáveis independentes controladas, razão pela qual os resultados obtidos são considerados significativos e, por isso, relevantes no entendimento da avaliação das variáveis linguísticas em questão. A seguir, na Tabela 01, é apresentada a significância estatística das variáveis analisadas para a coda (s), destacando aquelas que se mostraram relevantes.

Tabela 01 - Experimento de avaliação para a coda (s): significância estatística das variáveis explicativas (modelo de análise linear de efeitos mistos)

	F	Num df	Den df	p
Instituicao	3.0289	3	45.8	0.039
Variante	77.8499	1	506.6	<.001
Nocorrencias	0.0106	1	24.8	0.919
Instituicao * Variante	14.1055	3	508.3	<.001
Instituicao * Nocorrencias	0.0564	3	43.4	0.982
Variante * Nocorrencias	9.1657	1	506.6	0.003
Instituicao * Variante * Nocorrencias	1.1569	3	508.3	0.326

modelo: VDnumérica ~ 1 + Instituicao + Variante + Nocorrencias + Instituicao:Variante + Instituicao:Nocorrencias + Variante:Nocorrencias + Instituicao:Variante:Nocorrencias + (1|Sentenca) + (1|Participante)

Fonte: elaboração própria.

A análise estatística dos resultados mostrou que há correlação entre as respostas dadas pelos(as) participantes e: (a) os estímulos (variante); (b) o grupo social (instituição) dos(as) participantes; (c) os estímulos (variante) em interação com o grupo social dos(as) participantes (instituição); (d) o ‘número de ocorrência’ em interação com ‘estímulo’ (variante). Assim, levando em consideração a correlação observada em (a), (b) e (c), a Tabela 02 traz os resultados para o grau de estigma atribuído às variantes da coda (s), considerando os índices de avaliação das variantes por grupo de participantes:

Tabela 02 - Resultados: grau de estigma atribuído às variantes da coda (s)

	variantes/estímulos	
	glotal	alveolopalatal
EJLA	75	78
EPSJV	113	74
Fiocruz	113	75
UFRJ	127	57
<b>Total Geral</b>	<b>428</b>	<b>284</b>

Fonte: elaboração própria.

De acordo com a Tabela 01, em relação à pontuação geral para a coda (s), verifica-se que houve mais associação das sentenças em que havia estímulos com a fricativa glotal ao perfil profissional menos prestigiado socialmente (*faxineira*), tendo sido a pontuação para estas sentenças (428) bem superior às sentenças produzidas com a fricativa alveolopalatal (284). Essa maior associação entre os estímulos com a variante glotal e o perfil *faxineira* confirmam que essa é a variante estigmatizada. Em relação à distribuição dos índices por grupo social, verifica-

se que, quando o estímulo continha a variante glotal, as sentenças não foram bem avaliadas pelos participantes dos grupos UFRJ, Fiocruz e EPSJV (respectivamente, índices de 127, 113 e 113), o que deixa os participantes desses grupos bem próximos em termos de avaliação da variante glotal. Além disso, é possível verificar que não há diferença na avaliação das variantes entre os participantes da EJLA, uma vez que os índices atribuídos às variantes glotal e alveolopalatal são muito próximos (respectivamente, 75 e 78). Essa situação coloca os participantes do grupo EJLA bem distantes, em termos da avaliação da variante glotal, dos(as) participantes dos outros três grupos, revelando que as variantes são diferentemente avaliadas dentro da mesma comunidade de fala.

A variável ‘grupo social ao qual pertencia o(a) participante’ (instituição) também mostrou correlação com a resposta dos(as) participantes. Provavelmente, isso se deve à diferença considerável de avaliação dos participantes da EJLA para os outros três grupos, os quais mostraram o mesmo padrão de avaliação para as variantes da coda (s). A variável ‘número de ocorrência’ se mostrou relevante quando em interação com ‘estímulo’ (variante), sendo possível argumentar que, para os três grupos com padrão de avaliação semelhante (UFRJ, Fiocruz e EPSJV), o aumento de ocorrências com a variante glotal teve impacto na escolha do(a) participante desses grupos. Esse resultado vai ao encontro à hipótese de Labov *et al* (2011), segundo a qual a frequência de exposição a variantes estigmatizadas tem impacto na avaliação dos falantes. Ressalta-se, por oportuno, que uma metodologia mais adequada a testar essa hipótese de maneira mais robusta precisa ser desenvolvida em trabalhos futuros.

A seguir, na Tabela 03, é apresentada a significância estatística das variáveis analisadas para a coda (r) interna, destacando aquelas que se mostraram relevantes:

Tabela 03 - Experimento de avaliação para a coda (r) interna: significância estatística das variáveis explicativas (modelo de análise linear de efeitos mistos)

	F	Num df	Den df	p
Instituicao	1.837	3	43.4	0.155
Variante	37.982	1	520.1	<.001
Nocorrencias	0.848	1	25.2	0.366
Instituicao * Variante	8.197	3	506.8	<.001
Instituicao * Nocorrencias	3.687	3	41.2	0.019
Variante * Nocorrencias	1.319	1	520.1	0.251
Instituicao * Variante * Nocorrencias	2.034	3	506.8	0.108

modelo: VDnumérica ~ 1 + Instituicao + Variante + Nocorrencias + Instituicao:Variante + Instituicao:Nocorrencias + Variante:Nocorrencias + Instituicao:Variante:Nocorrencias + (1|Sentenca) + (1|Participante)

Fonte: elaboração própria.

A análise estatística dos resultados mostrou que há correlação entre as respostas dadas pelos(as) participantes e: a) os estímulos (variantes); b) os estímulos (variantes) em interação com o grupo social dos(as) participantes (instituição); c) o ‘número de ocorrência’ em interação com o grupo social dos(as) participante(s) (instituição). Assim, levando em consideração a correlação observada entre as respostas dadas pelos(as) participantes em “a” e “b”, a Tabela 04 contém os resultados para o grau de estigma atribuído às variantes da coda (r) interna, considerando os índices de avaliação das variantes por grupo de participantes:

Tabela 04 - Resultados: grau de estigma atribuído às variantes da coda (r) interna

	variantes/estímulos	
	ausência	realização
EJLA	68	62
EPSJV	83	66
Fiocruz	93	70
UFRJ	103	39
<b>Total Geral</b>	<b>347</b>	<b>237</b>

Fonte: elaboração própria.

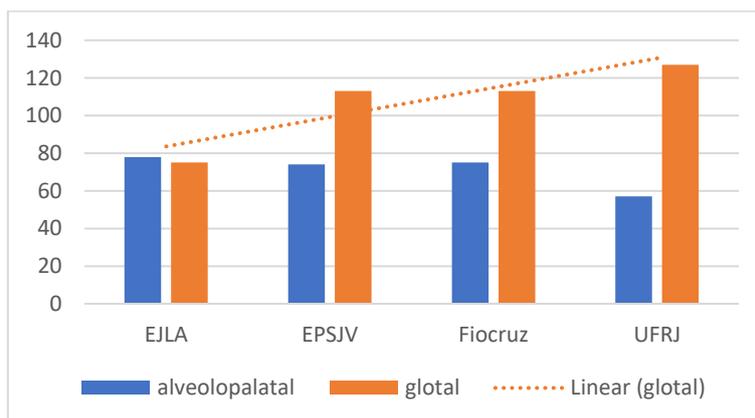
Ainda que expresso por um índice menor (347) – e com uma diferença também inferior entre os índices para as variantes – em relação à pontuação geral para a coda (r) interna, tal como observado para a coda (s), verifica-se que houve mais associação das sentenças em que havia estímulos sem a coda (ausência) ao perfil *faxineira*. Essa maior associação entre os estímulos sem a coda e o perfil de menor prestígio social apontam para o estigma que pesa sobre esta variante. Novamente, os participantes da EJLA parecem não fazer diferença entre as

variantes, tendo em vista que, assim como na coda (s), os índices para as duas variantes estão bem próximos, sendo o índice para a realização da coda ainda menor do que aquele observado para a ausência (62 e 68, respectivamente). Por outro lado, os índices de avaliação das variantes para os outros três grupos parecem expressar uma gradualidade, uma vez que, à medida que aumenta o grau de inserção social, aumenta também a diferença de avaliação das variantes.

Essa gradualidade na avaliação das variantes pode ter sido um fator importante para a interação entre ‘grupo social’ (instituição) e ‘número de ocorrência’ ter apresentado correlação com a escolha dos(as) participantes e, diferentemente da coda (s), não haver correlação entre a escolha do(a) participante com a interação entre o ‘estímulo’ (variante) e ‘número de ocorrência’: como as diferenças entre as avaliações das variantes somente aparece de maneira mais clara entre os(as) participantes do grupo UFRJ, a variável ‘número de ocorrência’ somente mostrou interação significativa com a ‘grupo social’ (instituição). Assim como na coda (s), será necessário um tratamento metodológico mais adequado para analisar, de maneira mais efetiva, o impacto da frequência das variantes para a avaliação dos falantes. De qualquer modo, conforme postulado por Labov *et al.* (2011), a frequência de exposição à variante estigmatizada parece ter alguma influência sobre a avaliação dos falantes.

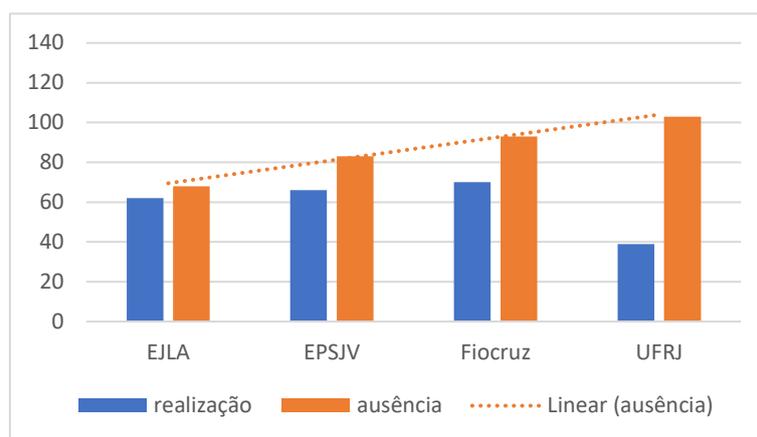
Ao serem comparadas as avaliações das variantes das duas variáveis, pode-se perceber uma diferença no padrão de avaliação das variantes das duas variáveis:

Gráfico 01 - Padrão de avaliação da coda (s)



Fonte: elaboração própria.

Gráfico 02 - Padrão de avaliação da coda (r) interna



Fonte: elaboração própria.

Por meio dos gráficos 01 e 02, é possível observar uma mesma tendência para avaliação das variantes das duas variáveis: quanto maior o grau de inserção social dos(as) participantes, maior é a associação do perfil *faxineira* com as variantes fricativa glotal, em relação à coda (s), e a ausência da coda, relativa à coda (r) interna. Por outro lado, o maior grau de inserção dos participantes faz com que as variantes fricativa alveolopalatal e realização da coda (r) interna sejam mais associadas aos outros dois perfis (*técnica de enfermagem* e *médica*). Além disso, quanto maior o grau de inserção dos participantes, maior é a diferença de avaliação das variantes de cada variável. Seguindo essa tendência, é certo também que o grupo com maior inserção social (UFRJ) é aquele que faz maior distinção entre as variantes de cada variável.

Apesar de se observar a mesma tendência de avaliação, é possível perceber, ainda por meio dos gráficos 01 e 02, padrões distintos de avaliação das variáveis. Para a coda (s), observa-se um padrão binário de avaliação: (1) o grupo EJLA, para o qual não há distinção de avaliação entre as variantes; (2) os grupos EPSJV, Fiocruz e UFRJ, para os quais há diferença considerável de avaliação entre as variantes. Assim, os três grupos inseridos socialmente – embora com diferentes graus de inserção social – se aproximam, ao mesmo tempo em que se afastam do grupo de jovens excluídos socialmente. Para a coda (r) interna, percebe-se um padrão de avaliação mais gradual, que parte da forma indistinta de avaliação das variantes pelo grupo excluído socialmente (EJLA) e segue num crescendo de distinção entre as variantes à medida que aumenta o grau de inserção social. Nesse sentido, os três grupos com menor grau de inserção social (moradores de favelas e menos acesso a direitos sociais) estão mais próximos e, ao mesmo tempo, mais afastados do grupo com maior inserção social (jovens universitários). Assim, as diferentes experiências relacionadas com o grau de inserção na sociedade levam ao

estabelecimento de padrões de avaliação que se diferenciam para a coda (r) interna e para a coda (s).

### ***5 Discussão dos resultados e considerações finais***

Por meio da aplicação de um experimento que continha estímulos com duas variantes da coda (s) e duas variantes da coda (r) interna, o objetivo deste trabalho era observar se falantes pertencentes a diferentes grupos da comunidade de fala do Rio de Janeiro compartilhavam as mesmas tendências e padrões de avaliação acerca das variáveis analisadas. Os resultados apontaram a avaliação negativa tanto da variante glotal para a coda (s), como da ausência do segmento para a coda (r) interna. Os resultados mostraram ainda que a avaliação das variáveis não é compartilhada por todos os falantes da comunidade de fala, uma vez que o grupo constituído por jovens excluídos socialmente (grupo EJLA) não avaliou de forma distinta as duas variantes das variáveis observadas, ao passo que os outros três grupos de participantes avaliaram as variantes de forma distinta.

Apesar de os quatro grupos de participantes não terem sido estratificados por faixa etária, os(as) participantes de três grupos (EJLA, Fiocruz e UFRJ) pertencem à mesma faixa etária, isto é, são jovens entre 17 e 24 anos. E é justamente nesse aspecto que o comportamento avaliativo desses jovens se diferencia do comportamento observado para falantes mais jovens (18 a 39 anos) de Nova York em relação à avaliação do (r): Labov (2008, p. 180) sustenta que a “estratificação uniforme de (r) no desempenho é acompanhada por uma avaliação uniforme da norma de prestígio pelos falantes mais jovens de todas as classes”. Conforme foi observado no presente estudo, o que se observou foi algo bem diferente, ou seja, falantes jovens da comunidade de fala do Rio de Janeiro, com diferentes graus de inserção social, não apresentam avaliações uniformes acerca das variantes de suas variáveis. Uma vez que os participantes dos grupos Fiocruz, EPSJV e EJLA pertencem ao mesmo grupo social (moradores de favelas com menos acesso a direitos sociais), é possível que as diferentes avaliações observadas no experimento tenham se dado em função dos diferentes graus de inserção social desses indivíduos: os jovens do grupo EJLA, em razão da situação de exclusão social que vivenciam, não adotam ou compartilham os valores sociais que circulam em diferentes setores da sociedade; os adultos do grupo EPSJV apresentam um certo grau de inserção social, uma vez que, mesmo que na informalidade, participam do mercado de trabalho e, mesmo que tardiamente, estão em processo de escolarização; os jovens do grupo EPSJV têm vínculo

familiares e afetivos bem sólidos, escolaridade regular – todos cursavam o Ensino Médio – e acesso a curso de formação em uma importante instituição de pesquisa.

Essa complexa situação social, aliada a um certo grau de inserção social, pode fazer com que os indivíduos dos grupos EPSJV e Fiocruz adotem certos valores reconhecidos socialmente, levando, inclusive, a uma atitude de distanciamento de outros indivíduos com a mesma origem social, mas em situação de maior vulnerabilidade. Pode ser, portanto, que padrões de avaliação distintos possam se desenvolver a partir de diferentes experiências sociais dos indivíduos de uma sociedade estratificada socialmente e com desigualdades profundas entre alguns segmentos. A dinâmica sociolinguística de uma determinada comunidade de fala pode ser mais complexa do que a situação reportada em Labov (1972, 2008) para a estratificação do (r) em Nova York e que levou o autor a postular que os indivíduos de uma mesma comunidade de fala compartilham os mesmos padrões de avaliação. Conforme já mostrado em outros estudos (SANTA ANA e PARODI, 1998; ZHANG, 2005), propõe-se que o conceito de comunidade de fala integre a diversidade de padrões de avaliação social que podem emergir de forma a capturar, mais amplamente, as diferentes relações que os indivíduos estabelecem em função de seu pertencimento de classe, do grau de inserção social, das suas redes sociais e comunidades de prática das quais participam.

Apesar de os participantes dos grupos observados poderem manter contato constante entre si em locais específicos, não é possível afirmar que estavam presentes todos os requisitos para a configuração de comunidades de prática: por exemplo, pode ser que um objetivo negociado, requisito necessário para a configuração de uma comunidade de prática (MEYERHOFF, 2007, p. 189), não seja compartilhado por todos os falantes de cada grupo. Para verificar se esse e os demais requisitos estariam presentes para caracterizar os grupos observados como comunidades de práticas seria necessária a condução de estudos etnográficos prévios, o que não foi feito. Além disso, por meio da metodologia aplicada, os participantes foram agrupados por meio de características sociais mais amplas, tendo sido evidente que as diferentes avaliações parecem ser orientadas sociolinguisticamente por um mesmo fator que afeta os grupos de maneira interseccional e desigual, isto é, o acesso às instituições responsáveis pela transmissão de valores sociais e linguísticos.

Nestes termos, defende-se que os resultados do experimento em análise são mais bem compreendidos à luz do conceito de sistema adaptativo complexo (BECKNER *et al.*, 2009), uma vez que se entende que o desenvolvimento da língua não acontece de maneira uniforme e ordenada, mas sim depende das interações específicas dos indivíduos (MUFWENE, 2008, p.

62; 2013, p. 207-208). Se as instituições sociais responsáveis pela transmissão de valores socialmente prestigiados – tais como a família e a escola – não são efetivas na formação de sujeitos, novos valores e padrões podem ditar o comportamento linguístico desses sujeitos. Assim, a possibilidade de manter uma escolarização mais estável, bem como o acesso a instituições, espaços e situações sociais de prestígio revelam os diferentes graus de inserção dos sujeitos dentro da hierarquia social. Conseqüentemente, o grau de inserção social conduz a diferentes encaminhamentos e formações, os quais, por sua vez, impactam não só na relação dos sujeitos com o mundo que os cerca, mas também na forma como esses mesmos sujeitos organizam o seu conhecimento linguístico.

## REFERÊNCIAS

- AULER, Mônica. A difusão lexical num fenômeno de aspiração em português. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 43-51, jul./dez. 1992.
- BECKNER, C.; BLYTHE, R.; BYBEE, J.; CHRISTIANSEN, M. H.; CROFT, W.; ELLIS, N. C.; HOLLAND, J.; KE, J.; LARSEN-FREEMAN, D.; SCHOENEMANN, T. Language is a complex adaptive system: position paper. *Language Learning*, [s.l.], v. 59, s. 1, p. 1-26, 2009.
- BORTONI, S. M.; GOMES, C. A.; MALVAR, E. The principle of saliency revisited. In: SCHLIEBEN-LANGE, B.; KOCH, I. V.; JUNGBLUTH, K. (Org). *Dialog zwischen den Schule: Soziolinguistische, konversationanalytische und generative Beiträge aus Brasilien*. Münster: Nodus Publikationen, 2002, p. 61-72.
- CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. The effect of speaker information on attitudes toward (ING). *Journal of Language and Social Psychology*, [s.l.], v. 29, n. 2, p. 214-223, 2010.
- CARVALHO, Rosana Siqueira de. *Variação do /S/ pós-vocálico na fala de Belém*. 2000. 121 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Centro de Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Belém, 2000.
- CLOPPER, Cynthia G; CONREY, Bryanna; PISONI, David. B. Effects of talker gender on dialect categorization. *Journal of Language and Social Psychology*. [s.l.], v. 4, n. 2, p. 182-206, 2005.
- CONNINNE, C. M.; RANBOM, L. J.; PATTERSON, D. J. Processing variant forms in spoken word recognition: The role of variant frequency. *Perception & Psychophysics*, [s.l.], v. 70, n. 3, p. 403-411, 2008.
- ECKERT, Penelope. Variation, convention, and social meaning. Paper Presented at the *Annual Meeting of the Linguistic Society of America*. Oakland, CA, 7 jan. 2005. Disponível em:  
<https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.553.1313&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 28 abr. 2022.
- Organon*, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 102-124, jan/jun. 2022.  
DOI: 10.22456/2238-8915.122804

GOMES, C. A.; MELO, M. A. S. L.; BARCELLOS, M. E. M. Comunidade de fala e o conceito de sistema adaptativo complexo. In: Claudia Regina Brecancini; Valeria N. de O. Monareto. (Org.). *Sociolinguística no Brasil: textos selecionados*. 1ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020, v. 1, p. 305-330.

GRYNER, Helena; MACEDO, Alzira V. T. A pronúncia do –S pós-vocálico na região de Cordeiro – RJ. In: MOLLICA, Maria Cecilia; MARTELOTA, Mário Eduardo (Org.). *Análises lingüísticas: a contribuição de Alzira Macedo*. Rio de Janeiro: Serviço de Publicações - FL/UFRJ, 2000, p. 26-51.

HAY, Jennifer; WARREN, Paul; DRAGER, Katie. Factors influencing speech perception in the context of a merger-in-progress. *Journal of Phonetics*, [s.l.], v. 34, n. 4, p. 458-484, 2006.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York City*. New York: Cambridge University Press, 2006.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William; ASH, Sharon; RAVINDRANATH, Maya; WELDON, Tracey; BARANOWSKI, Maciej; NAGY, Naomi. Properties of the sociolinguistic monitor. *Journal of Sociolinguistics*, [s.l.], v. 15, n. 4, p. 431-463, 2011.

LAMBERT, W.E.; GILES, H.; GARDNER, R.G.; FILLERBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, [s.l.], v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960.

LEVON, Erez; BUCHSTALLER, Isabelle. Perception, cognition, and linguistic structure: The effect of linguistic modularity and cognitive style on sociolinguistic processing. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 27, n. 3, p. 319-348, 2015.

MELO, M. A. S. L. de. Direcionalidade da mudança sonora: o papel do item lexical e da avaliação social. 2017. 153 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Rio de Janeiro, 2017.

MEYERHOFF, Miriam. Communities of Practice. CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Org.). *The Handbook of Language Variation and Change*. Blackwell Publishing, 2003, p. 526-548.

MUFWENE, Salikoko. *Language Evolution: Contact Competition, and Change*. London: Continuum, 2008.

MUFWENE, Salikoko. The Emergence of Complexity in Language: An Evolutionary Perspective. In: MASSIP-BONET, M.; BASTARDAS-BOADA, A. (Org.). *Complexity Perspectives on Language, Communication and Society*. Berlin: Springer, 2013, p. 197-218.

OUSHIRO, Livia. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015. 394 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, São Paulo, 2015.

PIERREHUMBERT, Janet. Probabilistic Phonology: Discrimination and Robustness. In: BOD, R.; HAY, J.; JANNEDY, S. (Org.). *Probability Theory in Linguistics*. Cambridge: The MIT Press, 2003, p. 177-228.

SANTA ANA, Otto; PARODI, Claudia. Modelling the speech community: Configurations and variable types in the Mexican Spanish setting. *Language in Society*, [s.l.], v. 27, n. 1, p. 23-51, 1998.

SAHIN, Murat Dogan; AYBEK, Eren Can. Jamovi: An Easy to Use Statistical Software for the Social Scientists. *International Journal of Assessment Tools in Education*, [s.l.], v. 6, n. 4, p. 670-692, 2019.

SQUIRES, Lauren. *Sociolinguistic priming and the perception of agreement variation: testing predictions of exemplar-theoretic grammar*. 2011. 227 f. Tese (Doutorado), University of Michigan, Department of Linguistics, Michigan, 2011.

STAUM CASASANTO, Laura. What do Listeners Know about Sociolinguistic Variation?, *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, Philadelphia, v. 15, n. 2, p. 40-49, 2010.

VOTRE, Sebastião. *Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. 1978. 202 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras da PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1978.

VOTRE, Sebastião. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 51-57.

ZHANG, Qying. A Chinese yuppie in Beijing: Phonological variation and the construction of a new professional identity. *Language in Society*, Cambridge, v. 34, n. 3, p. 431-466, 2005.

## ANEXO 1

Lista de sentenças para o teste de avaliação de itens com o (s) em coda

1 item	2 itens
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ele <b>às vezes</b> fica nervoso com facilidade.</li> <li>2. A menina queria <b>mesmo</b> sair de casa.</li> <li>3. Sempre <b>depois</b> do vento, vem a chuva.</li> <li>4. Na aula de amanhã, <b>nós</b> vamos fazer prova.</li> <li>5. O ônibus dava <b>várias</b> voltas sem necessidade.</li> <li>6. Ela precisava de dinheiro, <b>mas</b> não tinha a quem pedir.</li> <li>7. <b>Meus</b> vizinhos sempre reclamam do barulho.</li> <li>8. José colocou a vassoura <b>atrás</b> da porta.</li> <li>9. Somente a fé em <b>Deus</b> move montanhas.</li> <li>10. Maria carregou os livros <b>desde</b> lá de baixo.</li> <li>11. O réu aguardava a sentença do <b>juiz</b> na sala de audiência.</li> <li>12. Quanto <b>menos</b> doce comer, mais rápido fica bom.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Às vezes</b> eu tomo <b>meus</b> remédios sem receita.</li> <li>2. <b>Às vezes</b> o jornal dá <b>várias</b> notícias sem sentido.</li> <li>3. <b>Depois</b> do show, <b>nós</b> vamos à praia.</li> <li>4. O <b>juiz</b> não queria, <b>mas</b> decidiu contra o réu.</li> <li>5. <b>Nós</b> não vemos Saulo <b>desde</b> o ano passado.</li> <li>6. <b>Depois</b> de muito tempo, o <b>juiz</b> disse a sentença.</li> <li>7. <b>Meus</b> livros surgiram <b>atrás</b> do armário.</li> <li>8. O <b>mesmo</b> carro deu <b>várias</b> voltas até parar.</li> <li>9. <b>Desde</b> ontem, João não teve <b>mais</b> vontade de sair do quarto.</li> <li>10. <b>Deus</b> nunca dá <b>menos</b> do que você deseja.</li> <li>11. <b>Deus</b> me livre de ter <b>menos</b> dinheiro.</li> <li>12. O bom jogador corre <b>atrás</b> da bola <b>mesmo</b> quando está cansado.</li> </ol>

Lista de sentenças para o teste de avaliação de itens com a coda (r) interna

1 item	2 itens
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Me inscrevi num <b>curso</b> muito bom.</li> <li>2. Já disse que essa <b>conversa</b> não vai dar em nada.</li> <li>3. Tem dias que o <b>serviço</b> é bem puxado.</li> <li>4. Joana comemorou seu <b>aniversário</b> na casa de festa.</li> <li>5. Já é o <b>terceiro</b> seguido mês que isso acontece.</li> <li>6. Não tenho <b>força</b> para abrir a tampa do pote.</li> <li>7. No fim do ano, a <b>diversão</b> é garantida.</li> <li>8. Por que você ficou tão <b>nervoso</b> com a notícia?</li> <li>9. Não tenho muita <b>certeza</b>, mas sei que não quero isso.</li> <li>10. A novidade faz <b>parte</b> de qualquer viagem.</li> <li>11. Não vai me dizer que você acha <b>normal</b> fazer isso.</li> <li>12. A chuva só <b>torna</b> a tragédia ainda mais grave.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Maria saiu do <b>curso</b> e foi logo pro <b>serviço</b> dela.</li> <li>2. Foi uma <b>conversa</b> um pouco mais <b>normal</b> do que anterior.</li> <li>3. Essa situação <b>torna</b> as aulas do <b>curso</b> mais agradáveis.</li> <li>4. Fizeram uma grande festa no <b>aniversário</b> do seu <b>terceiro</b> filho.</li> <li>5. Tenho <b>certeza</b> que ele fica <b>nervoso</b> com esse tipo de filme.</li> <li>6. Um momento de <b>diversão</b> fazia <b>parte</b> do combinado.</li> <li>7. Maria não tinha mais <b>forças</b> para fazer o <b>serviço</b>.</li> <li>8. Isso só se <b>torna</b> uma <b>certeza</b> quando acontece.</li> <li>9. Depois do <b>terceiro</b> mês, vou ter uma <b>conversa</b> com você.</li> <li>10. Era <b>normal</b> ter um pouco de <b>diversão</b> naquela casa.</li> <li>11. No meu <b>aniversário</b>, não vou ter mais <b>força</b> para comemorar.</li> <li>12. Ficar <b>nervoso</b> também faz <b>parte</b> do teste.</li> </ol>

Artigo submetido em: 28 fev. 2022

Aceito para publicação em: 24 maio 2022

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.122804>